

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria do Carmo

registada em 2008-09-11
por

Susana Pires e Joana Ribeiro

Maria do Carmo

Maria do Carmo Fernandes nasceu na Moura de Serra, no dia 14 de Dezembro, há 74 anos. Veio para Monte Frio ainda pequena. O pai era Albino e a mãe Maria José, trabalhavam no campo. Maria do Carmo é a mais velha de oito filhos. Os pais não deixavam brincar muito, “mandavam com umas saquinhas para os pinhais, para ir buscar pinhas”. Maria do Carmo começou pequenina a roçar mato, a ir à lenha e a guardar o rebanho do gado. A mãe precisava dela, por isso nunca foi à escola, nunca aprendeu uma letra. Foi para Monte Frio com 12 anos, para casa de uma senhora que também era da Moura da Serra. Ficava lá interna. Ia ao mato e ajudava a senhora na fazenda. Esteve lá até se casar. O marido era de Monte Frio, viam-se todos os dias. Namoraram durante cinco anos, Maria do Carmo “estava numa janela e ele estava na rua”. O casamento realizou-se na igreja à Moura. “Foi um casamento pobrezinho.” Tiveram três filhos, dois rapazes e uma rapariga.

Índice

Identificação Maria do Carmo Fernandes.....	4
Ascendência "Lembro-me dos meus pais".....	4
Casa "Aquilo nem era casa, nem era nada".....	5
Infância "As brincadeiras eram poucas".....	5
Educação "Não sei uma letra".....	5
Religião Doutrina e senhas.....	5
Namoro "Viamo-nos todos os dias".....	6
Casamento "Foi um casamento à pobrezinha".....	6
Descendência Os filhos.....	7
Percurso profissional "Vim trabalhar".....	7
Ofício "Sempre trabalhei no campo".....	7
Lugar Monte Frio.....	8
Costumes Tradições de Monte Frio.....	13
Filosofia "Sou a escrava Isaura".....	15
Quotidiano Actualmente.....	16
Sonhos "Nunca pedi riqueza a Deus".....	16

Identificação *Maria do Carmo Fernandes*

O meu nome completo é Maria do Carmo Fernandes. Nasci em Moura de Serra, no dia 14 de Dezembro. Tenho 74 anos. Vim para Monte Frio ainda pequena e cá fiquei.



Maria do Carmo Fernandes

Ascendência "*Lembro-me dos meus pais*"

Lembro-me dos meus pais. O meu pai era Albino. A minha mãe Maria José. Morava na Moura da Serra e o meu pai também. Eles trabalhavam no campo. Não era como agora, quando aparecia emprego, o meu pai ia ganhar. Chegou a andar nos poços, aqueles grandes que há. A minha mãe, coitadinha, também trabalhava como uma negra para nos sustentar. Coitadinha! Comíamos o que aparecia.

Tenho sete irmãos. Eu sou a mais velha.

Casa "*Aquilo nem era casa, nem era nada*"

Lembro-me da minha casa. Aquilo nem era casa, nem era nada. Era uma casa pobrezinha. Era a cozininha e era um quartito ao lado. E era o corredorzito para a rua, direito à porta, de onde se saía e entrava. Mais nada. Dormíamos uns com os outros, coitadinhos.

Infância "*As brincadeiras eram poucas*"

Os nossos pais não deixavam brincar muito. Até nos mandavam com umas saquinhas para os pinhais, para ir buscar pinhas. Foi sempre uma vida muito má. Eu tinha mais trabalho que os outros, porque os outros eram mais novos e eu, como era a mais velha, tinha que trabalhar mais. Comecei pequenina a roçar mato. Ia à lenha e estava a guardar o rebanho do gado.

Depois, quando mais crescida, ajudava a minha mãe também nas terras. Era assim a minha vida. A minha mãe fazia-me acordar cedo. Às vezes, estava a dormir e ela até me "punha em pintas". Levantava-me de donde eu estava para eu acordar. Íamos para as terras, quando comecei a trabalhar lá.

As brincadeiras eram poucas. Naquele tempo não havia nada. Era um tempo de miséria. Mas, às vezes, fazíamos curraizitos a fazer que andávamos numa casita e a guardar rebanhos de gado. Era assim.

Educação "*Não sei uma letra*"

Fui à escola, mas não foi para me ensinarem letra nenhuma. Eu só ia à escola quando trazia os meus filhos lá e quando era preciso lá ir. Aí é que eu entrava na escola. Coitadinha da minha mãe, ela precisava de mim. Quando eu comecei de fazer alguma coisa, não aprendi. Somos sete irmãos, só eu é que não sei uma letra. Ainda hoje tenho pena de não saber ler e escrever. Tenho muita pena, muita pena mesmo.

Religião *Doutrina e senhas*

Andei na doutrina mas também não cheguei a fazer nada. Não cheguei a comungar. Não fiz nada! Não sei, com certeza não aprendia. Não me lembra fazer nem nenhuma Comunhão, nem coisíssima nenhuma. Mas não se podia bem

aprender. Eu só ia para a doutrina naquela ideia que, cada dia que a gente ia, davam uma senhazita. E depois, quando era para o Natal, entregávamos aquelas senhas ao monsenhor e ele dava-nos o dinheiro. Era pouquinho. Entregávamos aos pais. Não tínhamos liberdade de ficarmos com ele para gente, para comprar alguma gulosice. Dávamos. E era por isso que a gente ia. Coitadinha da gente. As palavras que a gente ouvia agora, amanhã já não sabia. Não ia lá para aprender.

Namoro "*Víamo-nos todos os dias*"

O meu marido era de cá. Víamo-nos todos os dias. Ele pediu-me em namoro. Falou comigo primeiro se eu queria ou não. Esse dia pediu-me em namoro ao pé da senhora onde eu estava. Com ela presente. Eu quis que ele falasse com ela também, que ela ouvisse! E então ele falou. Disse para à senhora que gostava de mim e que gostava de namorar comigo, mas que pedia ordem. Depois também pediu ordem aos meus pais. Foi assim. Eu nunca me apaixonei. Eu não. Mas gostava dele. Mas apaixonar? Isso é que era bom! Namorámos cinco anos, aqui ao pé do outro. O namoro era à noite. Eu estava numa janela e ele estava na rua. Também era uma vida muito coisa. Beijinhos dava-se às escondidas. Agora não, é tudo liberdade. Naquele tempo era assim às escondidas.

Casamento "*Foi um casamento à pobrezinha*"

Foi um casamento pobrezinho. A minha mãe, coitadinha, não podia. A minha sogra era pobrezinha, também não podia. Fomos à igreja à Moura. No Monte Frio é capela. Fizemos nós a despesa. Eu e ele. Também não foi muita despesa. Fizemos o almoço. Comeu-se chanfana, batatas, arroz-doce, tigelada e bolos. Agora já não me lembro bem disso. Já foi há muito tempo. Mas foi um casamento à pobrezinha.

Até o colchão para a gente dormir tivemos que comprar. A minha vida de casada também foi sempre uma vida de escrava. Quando a gente se casou, eu era pobrezinha e ele também era. Plantávamos batatas, couves, feijão e cebolas. Mas nesses tempos tive uma vida triste porque o meu marido ganhava pouquinho e eu também. A minha mãe, coitadinha, precisava do dinheiro. Lá vinha ela buscar os 200 escudos para se ir remediando para o que ela precisava, para matar a fome aos meus irmãos. Graças a Deus, sempre nos soubemos entender. Ele não era estragado e eu também não. Ele gostava de trabalhar e eu também. Ainda hoje gosto. Preciso, mas também gosto.

Depois, fomos para uma casa da senhora onde eu estava. Tinha as paredes, o telhado e mais nada. Naquele tempo, a nossa mesa, para a gente comer na cozinha, eram as caixas de tábuas. Faziam-se umas caixas de madeira para a sardinha e para o peixe todo. Então o meu marido, para a gente comer os dois, que ainda éramos só os dois ao princípio, pôs duas pernas de cada lado da caixa e era ali em cima que a gente comíamos o comer, para não estarmos com os pratos ou com as tigelas na mão. A cozinha era daquelas cozinhas antigas, que até tinham um bordo e a gente assentava-se naquele bordo. E o lume era no meio daqueles bordos. Até era giro. A panela, era uma panelita de barro. A gente não tinha dinheiro para comprar de ferro. Era uma de barro até pudermos comprar uma de ferro. Depois quando compramos a de ferro, deixei aquela panela para cozer aqueles aparozitos para as galinhitas, que já tinha duas galinhitas. Tinha a panelita à fogueira, no chão. A cozinha tinha uma janelita virada para um barroco. Agora até temos um jardim nessa cozinha, um jardim cá do povo.

Descendência *Os filhos*

Os meus filhos, os dois rapazes, foram criados numa casa muito velhinha. Mas a miúda, a rapariga, já foi criada na minha casa, ainda não era como agora está. A outra casa nem minha era e era muito antiga, muito velhinha.

Todos os três têm o exame da quarta classe.

Percurso profissional "*Vim trabalhar*"

Eu fui para Monte Frio com 12 anos. Fui para casa de uma senhora que também era da Moura da Serra. Fui trabalhar para ganhar 200 escudos por ano, por dinheiro antigo. Ficava lá interna. Ia ao mato para o gado e para os porcos. Tinha uma mula também. E ajudava a senhora também na fazenda. Era "pequenelha"! Estive lá até me casar.

Ofício "*Sempre trabalhei no campo*"

Sempre trabalhei no campo. Às vezes ia ajudar também. Ainda trabalhei com uma senhora que tinha um estabelecimento. Trabalhei com ela 20 anos. Quer dizer, quando era preciso, que eu também tinha que fazer o meu trabalho. A minha filha, coitadinha, também a pus a trabalhar muito cedo. Era assim, para a gente se governar. Lembro-me de ganhar 10 escudos por dia. Era ao dia. A gente levantava-se cedo e era ao sol posto quando vínhamos para casa. Depois

começaram a dar mais qualquer coisinha e comer também. Mas ao princípio nem comer. Ninguém dava uma buchazinha para a gente comer. Mas nisso não fui só eu. Foi muita gente.

Lugar *Monte Frio*

Valentões

Não sei porque é que se chama à terra Monte Frio. Não sei se era antigamente que fosse muito frio. Tem dias que até nem se pára aí com o calor.

Antigamente as pessoas de Monte Frio eram chamados os "Valentões". Quer dizer, tinham esta vaidade de ser os melhores da freguesia. A Benfeita é que é a freguesia. Monte Frio, Luadas, Pai das Donas, Relva Velha, aqui estas territas, mais ou menos quase todas são da freguesia. Eu já tenho falado:

- Antigamente, queriam ser os Valentões de Monte Frio e agora o menos da freguesia é o Monte Frio.

Não é o Monte Frio são algumas pessoas. Porque agora só querem é ter dinheiro. Só vaidade. Quer dizer, não são unidos agora. Mas naquele tempo, o que um dissesse, diziam todos. Mas essas pessoas já está tudo podre. Já tudo morreu. Primeiro isso era o Monte Frio. Tinham aquela vaidade de ser os valentões da freguesia, das outras terras todas. Mas agora não. Já não se importam. Mesmo a mocidade de agora já não é a mocidade como era naquele tempo, não. Mas não é só aqui, é em toda a parte. O mundo parece que está virado do avesso. Primeiro, havia aí essa tal senhora onde eu trabalhei com ela quando era preciso. Ela vendia peças de pano, tinha um lagar e uma lojinha. A mocidade que cá estava todo o ano era muito unida e comprava. Quando era pela festa, vinha uma peça de pano para saias, para blusas ou para vestidos. O que uma comprasse, tinham que comprar todas. Agora até quando vão para a costureira ouve-se aqui:

- "Se cá vier fulano, ou sicrano, ou isto ou aquilo, não digam, que isto que é meu!"

Está tudo mudado. Eu tenho pena do tempo, quando era para irmos para o baile, juntávamo-nos todas num sítio, até íamos todas e tal. Íamos todas para um baile, tudo unido. O que uma dissesse diziam todas. Agora? Isto está tudo virado do avesso. Toda a gente se queixa.

Os tanques

Nessa altura não havia luz. Era o candeeirito de lata, com o petroleozito, com uma asazita. A água, íamos à fonte. Agora é que já toda a gente tem água em casa. A fonte é no largozinho, era aí que eu e as outras pessoas, com o cântaro de barro, lá íamos buscar também. Está sempre a água a correr, água de uma rocha. É a melhor água que a gente tem, até para comer ou para beber.

Não havia máquinas de lavar. Só há dois tanques. Tem sempre a água a correr, e íamos para lá. Era um convívio. Quando era em Agosto depois para lavarem as roupas, toalhas e guardanapos, e isto e aquilo, tínhamos lá em baixo um chafariz. No café estava uma fotografia com o tanque rodeado de mulheres e raparigas, tudo a lavar as suas roupinhas. Era giro, até era giro. Falávamos umas com as outras e coisa. Mas aí não se cantava. Era uma vida de escrava!

Novelas, televisão e telefone

Lembro-me da novela "Escrava Isaura". Andava tudo parvo. Eu podia andar a ajudar aos meus dias ou coisa mas, naquela hora, eu tinha que vir. Andasse ou não andasse, eu tinha que vir para ver a "Escrava". Um vício, uma "parvoadá"! Agora nem vejo nenhuma. Nada. Mas com aquela "Escrava Isaura" houve muita gente que deixava tudo para àquela hora estar onde houvesse televisão. Só cá havia uma televisão ainda que era a dessa tal senhora que eu trabalhei lá 20 anos. Era a Maria da Assunção. Agora já têm às três e quatro televisões em casa. As pessoas juntavam-se para ver televisão na casa dessa senhora que vendia as peças de pano a metro. Era aí. Era a casa das pessoas mais ricas que cá havia. Foi logo no princípio que começaram a vir. Também tinha telefone público. Quando era preciso íamos lá, telefonávamos e pagávamos o tempo que estivéramos a falar. Hoje já qualquer pessoa tem um telefone.

Uma sardinha para três

Naquele tempo era a coisa mais miserável que havia no mundo. Mas não era só a gente aqui. Era tudo a eito. Chegaram até a dividirem uma sardinha por três. E depois ninguém queria o "cacholo"¹. Só tinha a espinha aquilo. E, às vezes até guerreávamos uns com os outros, em nossas casas. Não era com as outras pessoas

¹cabeça

de fora. Até cá morreram pessoas ainda cheias de miséria, coitadinhas. Que ainda não havia as reformas, não havia nada e coitadinhas não tinham ganhos nenhuns. Só comiam alguma coisita que cultivassem da fazenda, das terras. E não comíamos a quantidade que queríamos de pão de milho. Aquilo era por razão. Não havia nada. Vinha cá, mesmo aqui a Monte Frio, uma senhora com uma canastrazita de pão e chegou a ser aquilo por razão. A mercearia também chegou a ser com umas senhas. A gente ia lá com umas senhas, era um tanto por cada pessoa. Isto era um tempo desgraçado. A senhora que vendia é que dava as senhas para a gente quando lá fosse buscar o que nos pertencia. Era por família. Mas contavam as pessoas que tinha a família e era pouquinho a cada um. A senha dava para ela saber quantas pessoas eram e quanto é que havia de pesar. Trocávamos por dinheiro. Era açúcar, arroz, farinha, era assim...

Como tratar um doente

Quando ficávamos doentes estávamos até à última. Ao primeiro, ainda vinha o médico a casa, mas agora já nem isso. Isso também acabou. Já não vem a casa. Já não querem vir a casa das pessoas. E temos que ir para Côja para o médico, quando nos dá alguma coisa. Depois de Côja vamos para Arganil, de Arganil mandam a gente para Coimbra e é assim. Havia pessoas que vinham cá que não eram médicos. Era José Augusto, da Benfeita. Também morreu, pronto, ficou isto sem mais ninguém. Quando a gente tinha alguma dor, escutava a gente. Nem tinha aparelho, nem nada. Tombava o ouvido...

- "É capaz de ser isto. É capaz de ser aquilo!"

Lá receitava umas coisitas, mas coitado. Ele também nunca andou a estudar para isso. Fazia um tratamento com os copos. Era umas ventosas. A mim nunca me pôs isso! Punham assim onde estava a dor e aquilo puxava. Tanto puxava, que fazia força, que nem caíam. Punham com a boca para baixo. Umas pomadas e era assim.

A linhaça era quando a gente tinha qualquer coisa a criar, ou para criar, para arrebentar, parecia farinha. Amassava-se aquilo numa coisinha qualquer e depois punha-se assim onde doía. Põe-se-lhe uma gaze por cima e andava aquilo até ver se a dor passava. Parecia que, pelo menos, abrandava.

As senhoras que faziam rezas não adiantavam nada. Em Monte Frio não havia pessoas que faziam isso! Havia uma mulher, uma mulherzinha. Mas diz que vinham falar com as almas de quem morria. Por um lado, ainda era bem, porque ela dizia que fulana veio dizer isto, dizer aquilo:

- "Cozei umas broinhas, umas merendeiras para darem aos pobrezinhos."

Depois lá davam. Enquanto aquelas merendeiritas duravam, era uma alegria. Depois quando morriam, davam pão. Um pão a cada pessoa. A cada morador. Mas isso tudo já acabou. A mulher já morreu, agora já não mandam dar nada. Graças a Deus agora também não preciso disso!

O carvão

Havia uns senhores que trabalhavam no carvão, tinham uns machos e iam buscar as sacas de carvão para a Lomba. Eram alguns quatro ou cinco senhores que andavam. Havia lá umas barracas. Eles iam, arrecadavam o carvão até que viessem camionetes buscá-lo para venderem para longe. Levantavam-se de noite, para irem lá à serra. Havia outras pessoas que arrancavam as torgas e faziam uma cova funda e redonda, lá punham-nas naquela cova e depois punham o lume. Então os senhores que andavam a fazer aquilo sabiam mais ou menos quando é que a torga já estava boa para abrir para ficar em carvão. Cobriam aquilo com terra e sabiam o tempo que aquilo havia de estar abafado, para tirarem para arrefecer. Depois para porem para as sacas e a seguir iam os senhores que iam daqui, com os machos, lá buscar o carvão. Só que agora as barracas desapareceram. Estava lá uma. Estava e está. Duas casinhas. Mas isso, nesse tempo, não havia lá casas. Era só as barracas para arrecadarem o carvão. Vinham as camionetas buscar, lá para longe, para irem vender.

Também há carvão de sobro. Que é uma árvore muito grande. Mas aqui não há disso. Só se houver lá "pia baixo"² lá para longe. Aqui é a moita. É a moita que tem aquela torga, aquela raiz para crescer a moita. Mas a moita em carvão é em paus. Arrancavam com os enxadões e depois acartavam.

Os machos, que são como burros, traziam pelo menos três sacas. Era um trabalho perigoso, às vezes, até pensavam que o carvão estava apagado e incendiava-se nas sacas. Tinham que descarregar aquilo tudo para o chão porque senão queimavam o animal.

Minas da Panasqueira

Também andou muita gente nas Minas da Panasqueira. Nessa altura cavavam lá dinheiro, quanto queriam. Agora parece que isso que acabou. Tiravam em minério para vender. Era perigoso. Iam daqui a pé, com as cestitas do comer para toda a semana à cabeça. Vinham aqui passar o fim-de-semana e no domingo, ou na segunda-feira, tinham que ir embora outra vez, porque quanto

²por aí abaixo

mais tirassem mais dinheiro recebiam. Eu nunca lá fui. Mas não deve ser muito perto. É assim a vida. Era uma vida de escrava. Fui sempre uma escrava também.

"O lobisomem eu penso que não existe"

O lobisomem eu penso que não existe. Penso que seja balela. Não sei se é, se não é. Eu graças a Deus nunca vi nada disso! Falou-se muito. Dizia que passava às tantas horas, mas não sei se é verdade, se é mentira. Eu penso que se for verdade, que fosse o pecado. Outra coisa não penso. Diz que era um monstro qualquer. Ouvi muita vez falar nisso. Mas não sei. Graças a Deus! Nunca vi.

Parar, rezar e andar

O cemitério era aqui em Monte Frio. Primeiro era para a Benfeita. Mas depois fizeram um em Monte Frio. Agora há muitos anos que já há o cemitério de Monte Frio. Os mortos vão de carro, mas antigamente era à mão. Eram quatro homens. Quando não havia homens eram mulheres. Pegava uma de um lado, outra do outro, outra à frente de um lado, outra do outro. Eram quatro pessoas sempre, para levar lá para o cemitério. Para a Benfeita ainda era pior, era mais longe. Também era à mão. Aquilo ainda é bastante tempo porque, volta e meia, tinham que poisar, porque os cadáveres eram pesados também. Mesmo que fossem leves ainda é muito longe. Paravam naqueles sítios certos, rezávamos e depois tornavam. Lá noutro sítio mais abaixo, tornavam a poisar e tornava-se a rezar. Era assim. Agora já vai tudo de funerária. Era por um caminho que aqui há "pia baixo"³ que agora está tudo cheio de silvas. Passava só ao fundo dos Pardieiros, para baixo. Demorávamos duas, três horas, mais ou menos.

No fim do mundo

A terra tem melhorado muito. Até me lembra, numa missa, ali em baixo na capela, já lá vão uns anitos valentes, dizer o padre, o senhor prior, que para o fim do mundo muita coisa se havia de ver, que havia de andar tudo em guerra. Já está! Que havia de os montes estarem todos minados de estradas. Já estão também. Eu tenho falado muita vez nisto. Estes sinais já estão à vista, tudo. É estradas para um lado, é estradas para o outro. É de um lado é do outro, é de cima, é de baixo. É estradas aí por todo o lado. E ele dizia isto para o fim do mundo! Que muita coisa se havia de ver. Que as pessoas, que se haviam de odiar umas às outras. Já

³por aí abaixo

não são aquelas amizades como antigamente. Nada, nada, nada. E nunca mais me esqueceu, já lá vão uns poucos de anos.

O que se perdeu...

Há muita coisa que também se perdeu. Havia uma costureira, uma rapariga que era muda mas sabia trabalhar muito bem em costura. Também já morreu, coitadinha. E havia uma outra senhora que não trabalhava tão bem mas trabalhava, pronto. Também já morreu. Agora nem uma costureira temos. Não temos. Tínhamos a escola. Também acabou. Agora os miúdos têm que ir para Côja ou para Arganil. Primeiro, também cá havia escola, mas tinham que ir a pé.

"Isto é uma lindeza"

O que eu mostrava às pessoas que visitassem Monte Frio era a barroca, que é um chafariz. Chamamos a barroca mas é o chafariz. Passa um barroquinho ao meio. Também ia mostrar a capela.

Do Outeiro e da Eira também tem uma vista bonita. Tem a estrada para a Mata da Margaraça e tudo mais. Agora também tem a estradinha por cima muito bem arranjadinha. Mostrava isso tudo. É muito raro de vir cá alguém que não diga que isto que é bonito. Eu às vezes até digo assim, porque estou cá sempre:

- Então isto é uma lindeza, uma lindeza!

O coreto tem umas vistas que é uma maravilha, as serras, os pinhais para um lado e para o outro.

Costumes Tradições de Monte Frio

Santos da Terra

Os santos padroeiros são o Milagroso, a Santa Filomena, o Menino Jesus, a Senhora das Febres e a Senhora da Boa Viagem. Este ano não houve festa. Antigamente era um festejo grande. Havia procissão, havia fogo de vista, havia tudo. Era bonito mesmo o dia da festa. Agora isso acabou. Este ano nem procissão, nem nada. Pronto, não havia mordomos, não fizeram festa. Antigamente havia uma arruada nas vésperas. Arruada é sentar-se muita gente de noite e com tocadeira, uma tocadeira valente, a tocarem o fado e a cantarem. Eram assim essas arruadas. Deitavam muito fogo. Agora nem fogo deixam botar,

nem nada. Mas, naquele tempo, era muito bonito. Não havia cá melhor, pronto. A gente achávamos graça ao que cá havia.

Os bailes

Os bailes era dançarmos umas com as outras e com rapazes e assim. Então, a gente quando calha entrava para uma roda com uma rapariga ou uma mulher. Então os homens iam apartar. Chegavam dois homens ao pé de duas raparigas que estavam a dançar e pediam se podiam dançar. As raparigas se quisessem apartavam. Uma ia para um e outra ia para outro. Era assim. Agora é tudo diferente. A gente também gostava de dançar com eles. Mas havia outro respeito que agora não há. Então as mães iam com as filhas para ver o que é que se passava com elas e tudo. Agora? Ah, ah! Bem, até se está bem, até se está bem. A mocidade agora está mais à vontade. Naquele tempo também oprimiam muito a gente. Também era demais.

A roupa no Carnaval

Vestíamo-nos a rigor. A gente, quando era pelo Carnaval, de dia trabalhava, e à noite juntávamo-nos todos. Agora já não fazem nada disso. Vinham rapazes de fora da terra e cá da terra, tocadores, isto e aquilo. A gente tirávamos a roupa que trazíamos à semana e vestíamos outra. Também não podíamos ir para o baile com a roupa suja. Não era roupas como agora. A gente agora veste uma blusa e uma saia, uma bata, ou isto ou aquilo. Posso vestir hoje e amanhã ou ao outro dia já se tira e já se veste outra. Naquele tempo, vestíamos a roupinha, despíamos ao sábado e só ao outro sábado é que a gente mudava de roupa, que não havia roupas para se andar sempre a mudar. Depois, ao outro dia, íamos outra vez vestir a que tínhamos despido para deixar a de domingo mais limpa. Era assim.

Cantar ao desafio

Quando era o tempo que se apanha a azeitona eles cantavam. Eles e elas. Cantavam lá de baixo dos Pardieiros. E se a gente cantasse daqui de cima, cantávamos ao desafio com eles e eles com a gente. Era muito giro. Eu gostava. Agora, os velhotes vão morrendo, outros também coitados já não têm alegria, assim como eu, de andar a cantarolar. Mas eu também era das que cantavam ao desafio com esta ou com aquela. Éramos amigos uns com os outros. Eles cantavam uma cantiga a desafiar a gente e quando calhava andarmos aí nos

olivais, cantávamos também. Mas nada de tratar mal. Cantávamos assim cantigas uns aos outros. Desse tempo ainda tenho pena. Mas não tenho penas de mais tempo nenhum.

Gastronomia

A tigelada é assim: a gente faz a porção que precisa ou que quer fazer. Bate os ovos, para uma tigela. Três ou quatro. E vê mais ou menos como é que fica a tigela, se fica meia, se fica cheia. Então bate depois os ovos com uma batedeira. Mas naquele tempo nem batedeira havia, era com um garfo. Contávamos as tigelas dos ovos que partíramos, púnhamos para uma panela e depois púnhamos o leite, na mesma medida dos ovos. Põe-se-lhe o açúcar, mexe-se bem mexidinho. Põe-se nuns tachinhos de barro. Depois acende-se o forno de onde se coze a broa, que agora já nem broa se coze, e pronto, está a tigelada feita. Uma casquinha de limão, para a tigelada saber ao limão, e é assim.

A chanfana é cortada. Matam a rês, depois corta-se a chanfana, aos bocadinhos, tempera-se toda no alguidar: alho, cebola e banha, daquela que se faz os torresmos. Põe-se colorau, salsa, uma pontinha de serpão, que é uma ervinha que há, muito boa também, e sal. Depois põe-se para o forno, enquanto se coze a broa. Quando a gente vê, mais ou menos, que já está tostada tira cá fora, mexe-a, prova se ela está boa de sal. Não se põe água. Se precisa de um bocadinho mais de vinho, bota-se-lhe vinho, se não for preciso, fica assim. Põe-se-lhe piri-piri também. Se precisar de uma coisa dessas mais, põe-se-lhe mais, se não precisar não se põe mais nada. Fica no forno aí duas horas. Mas quando ela é nova assa menos horas. Quando ela é mais velha, mais rija, tem que estar muito tempo.

Filosofia "*Sou a escrava Isaura*"

Sou escrava porque não tem a gente um dia de passeio, não tem um dia que diga assim:

- Este dia foi bem passado.

É só trabalhar, trabalhar. Às vezes vou ao café da comissão, quando preciso de ir buscar alguma coisa para minha casa, sento-me um bocadito mas eu estou com o tino de me ir embora para ir fazer isto ou fazer aquilo. Por isso eu digo que sou a escrava Isaura. Só não sou é no nome. Alguma gente diz que eu que só nasci para trabalhar. Eu preciso, mas também gosto de trabalhar.

Quotidiano *Atualmente*

Compráramos umas terrinhas, com a ajuda dos meus filhos, que também já ganhavam. Foram para Lisboa e mandavam-nos dinheiro. Mandaram-nos arranjar a nossa casinha, que era muito diferente quando a gente a comprou. Só tinha um quarto, a salita e a cozinha. Casa de banho não havia. Era na rua. Íamos para os quintais fazer. Agora tenho quartos, casa de banho, *marquise*, sala, tenho outra loja em baixo também, com uma cozinha e uma lareira. Naquele tempo era só miséria, só miséria. Chegávamos a ter frio na cama, nesse tempo, que não tínhamos roupa para pôr como devia ser. Tudo assim. Foi uma vida de escrava. Então agora eu trabalho porque preciso de trabalhar. Mas também gosto de trabalhar. Tenho as minhas terrinhas. Gosto de ter as minhas cebolitas, as minhas batatas, os meus feijõezitos. Mas às vezes ando a trabalhar e as lágrimas a caírem-me pela cara abaixo porque não tem a gente saúde para poder trabalhar. Se não fosse a reforma era um caso sério. Isto agora é um paraíso. É um paraíso! Tanta miséria, tanta miséria que se passou.

Saúde

Sabe Deus como eu às vezes...Tenho diabetes, colesterol alto, má circulação, varizes, tenho o joelho esquerdo que tenho dias em que vejo-me à rasca para dar um passo.

"Há-de haver gente que não acredita"

Eu acho que há-de haver gente que não acredita o que se passou noutro tempo, porque eu, às vezes, já tenho dito até para os meus netos:

- Olha filhinhos, vocês haviam de vir no tempo em que eu vim!

Porque quem tinha dinheiro ainda ia comendo carne e isto e aquilo. E a gente, coitadinhas de nós. Era a sardinhita e, às vezes, ainda uma partida por três. Nós e mais. Não era só a gente. Até as minhas netas já às vezes me dizem assim:

- "Oh mãe, você conta coisas que eu até nem acredito que isso seja tudo verdade..."

Oh, então não era verdade!

Sonhos "*Nunca pedi riqueza a Deus*"

Tenho sonhos, que Deus me desse saúde para mim, para a família e para todo o mundo. Nunca pedi riqueza a Deus. Só um pãozinho para cada dia, saúde e paz. É o que eu peço a Deus.